

## Mulher-*fiel*: O dia de visita numa prisão paulista

Jacqueline Ferraz de Lima

Mestre em Antropologia Social  
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

### Resumo

Este texto é sobre mulheres *fiéis*, não *fiéis*, talvez *fiéis*. É um esforço de tornar inteligível, num curto espaço, o que se diz sobre mulheres de presos, por mulheres de presos. O que as *cunhadas*, como são denominadas as mulheres que visitam seus maridos presos em cadeias de domínio do Primeiro Comando da Capital (PCC), dizem sobre as mulheres que têm o dia de visita nos presídios paulistas como um evento rotineiro de suas existências? Em outros termos, o que dizem as *cunhadas* sobre as mulheres que estão na *caminhada*? Entre muitas coisas, dizem que é indispensável ser mulher-*fiel*. Este texto é, portanto, sobre a produção da mulher-*fiel*. Uma tarefa irrealizável, como se verá, sem que se produzam mulheres de *proceder*, *disciplina*, mulheres que enfrentam os *sacrifícios*; mulheres do preso, mulheres do cara, mulheres que gosta do ladrão; *talaricas*, *recalcadas*, mulheres que gostam de cadeia, mulheres que gostam do crime.

Palavras-chave: Mulher, família, prisão.

### Abstract

*Fiel-woman: visiting day in a prison in São Paulo*

This text is about faithful, unfaithful, perhaps faithful women. It is an effort to render intelligible, in a short time, what is said about prisoners' women, by prisoners' women. What the *cunhadas*, as are called the women visiting their imprisoned husbands in jails whose domain belongs to Primeiro Comando da Capital (PCC), say about women having the visiting day in prisons in São Paulo as a routine event of their existence? In other words, what the *cunhadas* say about women who are on the *caminhada*? Among many things, they say that it is essential to be a *fiel-woman*. Therefore, this text is about the production of the *fiel-woman*. As will be seen, an impossible task without giving rise to women with *proceder*, *disciplina*, women facing the *sacrifícios*; inmate's women, women who like thief; *talaricas*, *recalcadas*, women who like jail, women who like crime.

Keywords: Woman, family, prison.

Esta apresentação<sup>1</sup> é sobre mulheres que visitam seus maridos presos em cadeias de domínio atribuído ao Primeiro Comando da Capital (PCC) ou, em seus termos, sobre as *cunhadas*. Nenhuma relação de aliança baseada em consanguinidade prescreve essa nomeação, mas, certamente, esse é o solo referencial de onde essa nomeação germina, afinal, é em decorrência dos membros batizados do PCC serem denominados *irmãos* que suas mulheres são nomeadas *cunhadas*. Contudo, também são chamadas de *cunhadas* as mulheres dos *companheiros*.<sup>2</sup> Isso porque, entre as visitantes dos presos, não se sabe precisamente quem é mulher de *irmão* ou de *companheiro*. Salvo por alguns acontecimentos que, como efeito, tornam públicas essas informações. Em geral, evita-se a produção de diferenças entre as mulheres (*fiéis*) que visitam seus maridos em cadeias do PCC.

Mais especificamente, a intenção desta fala é voltar-se à produção da mulher-*fiel*. Conceito que, de acordo com as análises provenientes de meu encontro-etnográfico com as *cunhadas* que experimentam o evento-prisão (expressão que se refere ao encontro entre cadeia, preso e mulher), marca uma forte distinção entre as mulheres que visitam seus maridos em complexos penitenciários paulistas. Essas diferenças são, sobretudo, evidentes na produção de mulheres contrárias à *fiel* e suas adjacências, como mostro a seguir.

Ser mulher-*fiel*, seu contrário e suas adjacências, são as três partes que dão forma a este texto. Apresento esses conceitos separadamente, antes, como uma proposta analítica para tornar inteligível as diferenças produzidas pelas *cunhadas* acerca das mulheres que estão na *caminhada*, do que uma sugestão de que essas conceituações possam existir umas sem as outras.<sup>3</sup> Em resumo, a partir da viagem das *cunhadas* ao dia de visita nas penitenciárias de Cerejeira<sup>4</sup> (que será descrita no passado de modo a realçar o momento etnográfico e evitar generalizações), esta apresentação centraliza-se nos enunciados (linguísticos e não linguísticos) sobre a imagem da *fiel*, sobre as mulheres não consideradas *fiéis*, além dos demais “tipos de mulheres” na *caminhada* que, assim como as não *fiéis*, contrastivamente, contribuem com a construção da mulher-*fiel*.

<sup>1</sup> Texto apresentado no Evento Hybris, realizado no II Seminário de Antropologia da UFSCar, em novembro de 2013. Esta fala é parte da dissertação defendida no segundo semestre de 2013, intitulada: “Mulher *Fiel*. As famílias das mulheres de presos relacionados ao PCC”. Agradeço ao Renan Martins Pereira pela leitura atenta deste texto, não sem sublinhar que todos os problemas são de minha exclusiva responsabilidade.

<sup>2</sup> *Companheiros* são os presos não batizados, mas que seguem as orientações do PCC.

<sup>3</sup> Durante a pesquisa de campo, o termo *caminhada* apareceu com diferentes sentidos. Para esse caso específico, *caminhada* significa ação. Está relacionada à realização de alguns procedimentos como visitar, levar o *jumbo* (alimentos, produtos de higiene pessoal e limpeza), preparar a comida, cuidar do próprio comportamento, etc. Estar na *caminhada* é o terreno propício para a produção da mulher-*fiel*.

<sup>4</sup> Cidade localizada no oeste paulista. Todos os nomes de pessoas e cidades são fictícios de modo a preservar a identidade das mulheres que colaboraram com a pesquisa.

## A imagem da *fiel*

Vinte e três horas era o horário marcado para saída do ônibus de São Paulo rumo ao dia de visitas nas penitenciárias de Cerejeira. Do mesmo ponto de encontro, partiam ônibus para diversos estabelecimentos penais do interior paulista. Ao menos vinte ônibus deixavam a localidade por volta do mesmo horário, e entre 45 e 50 passageiras era o limite de cada veículo. Eles estavam quase sempre lotados, o que mostrava o fluxo intenso de mulheres que tinham como destino a cadeia às sextas-feiras à noite. Somente para a cidade de Cerejeira saíam quatro ônibus (sempre lotados) a cada final de semana.

Após uma viagem fria e desgastante até Cerejeira, fortemente prejudicada por uma batida policial e problemas mecânicos com o ônibus, conversava com uma *cunhada* na cozinha da pensão em que se hospedavam a maioria das visitas provenientes da capital paulista. O relógio já marcava sete horas da manhã e os portões das penitenciárias costumavam abrir às oito. Prevendo a longa fila que as aguardavam, apressadamente as mulheres esquentavam as comidas para os apenados, se produziam para o encontro com os maridos e tomavam café da manhã. Em meio a tamanha correria, a *cunhada* falava-me sobre seu desejo pela liberdade do “preso”, pelo fim do sofrimento decorrente da situação de cárcere do marido e sobre a vontade de ter sua “família completa”.

A plenitude da “família”, ainda que muitas vezes distante no tempo, recorrentemente aparece nos discursos das *cunhadas* como justificativa à *caminhada*. É igualmente recorrente a ideia de que “só quem é fiel para ir até o fim” da *caminhada*. E, do mesmo modo que “só quem é fiel para ir até o fim”, a formulação “aqui quem fecha é a fiel” constantemente compõe as narrativas das *cunhadas* na porta da cadeia (para fazer referência a outro espaço onde passava muito tempo com as *cunhadas*, além da pensão e do ônibus). Assim, logo pude perceber que ser *fiel* diz muito mais do que a simples ideia de fidelidade conjugal, ainda que esta seja essencial para a construção da mulher-*fiel*. Para que a mulher seja considerada *fiel*, ainda de modo geral e provisório, é preciso evitar falhas em um espaço “ético e moral” que se desenha no encontro entre mulher, preso e cadeia (evento-prisão). De modo específico, e é sobre o que me deterei a seguir, para ser *fiel* é preciso combinar uma série de elementos práticos e discursivos experienciados na *caminhada*.

Em primeiro lugar, para que se reconheça a *fiel*, é essencial visitar em “cadeia do Comando”. Em outras palavras, visitar em cadeias de domínios não atribuídos ao PCC torna inacessível a possibilidade da mulher ser reconhecida como *fiel*. Visitar o marido em prisões de outros comandos confere às mulheres a denominação de *coisa*, como mostrarei à frente. Assim, *fiéis* são mulheres de *irmão* ou *companheiro* e, impreterivelmente, visitam em estabelecimentos penais do PCC.

Além de visitar em cadeia considerada *favorável* (modo como as *cunhadas* também se referiam às cadeias do *Comando*), ser *fiel* relaciona-se às visitantes publicamente reconhecidas como mulheres

dos presos. Este reconhecimento é garantido pelo nome inscrito no rol do preso (o rol é o registro institucional de visita dos apenados), assim como pela possibilidade de presença no “ônibus da família” (ainda que pudessem optar por viajar de carro ou ônibus particulares). As mulheres que visitam presos e não são reconhecidas publicamente como suas mulheres, em geral, visitam, com o nome no rol de outro apenado e viajam em ônibus de rodoviária ou veículos particulares. Estas, por não terem a *caminhada* (aqui também no sentido de trajetória de vida) “transparente”, não poderiam ser consideradas *fiéis*.

Enfatizam ainda as *cunhadas* que *fiel* é quem está disposta a compartilhar “o sofrimento da cadeia com o preso”, “pedalar com o preso”, “estar lado a lado”, “estar junto no veneno”. Entende-se dessas formulações que ser *fiel* significa desempenhar os procedimentos “éticos e morais” efeitos da adesão à *caminhada*. Entre eles, a frequência nos dias de visita, o *jumbo* (alimentos, produtos de higiene, papelaria e limpeza destinados ao preso) e a comida, conformam seus pontos de maior visibilidade. Durante minha permanência em campo, não conheci sequer uma *cunhada* que não se preocupasse com o *jumbo* e a comida de seu marido. Ou que não cuidasse de sua qualidade assídua em relação à visita.

A realização destes procedimentos que chamei de visível, certamente demonstram os cuidados das mulheres com o marido. Mesmo que estes cuidados não se constituam sem desvios, variações, alternativas ou eventualidades. De todo modo, o que importa para os fins desta apresentação é que as efetivações desses procedimentos contribuem para a composição da imagem da mulher-*fiel*, a despeito de não serem realizados exclusivamente pelas *fiéis*. Afinal, a frequência na visita, o *jumbo* e a comida são preocupações generalizadas entre as mulheres que visitam seus homens no *sistema*.<sup>5</sup>

Também os *sacrifícios* da *caminhada*, o que confere sacralidade à *família*, como, por exemplo, o cansaço causado pelas longas e desconfortáveis viagens, o peso das bagagens, as noites mal dormidas, a responsabilidade sobre a criação dos filhos, a veiculação de más notícias, as graves e recorrentes humilhações decorrentes do tratamento institucional, os gastos com o apenado e sua ausência no cotidiano familiar, são igualmente elementos que compõem a imagem da mulher-*fiel*.

Do mesmo modo, ter *proceder*, estar na/ter *disciplina* alimenta o que se entende por *fiel*, em virtude do conteúdo predicativo condicionado à ideia de ter *proceder* e ter *disciplina* que brotavam do “estar na disciplina”, o solo referencial que orientava o comportamento das *cunhadas*.

Retomando o argumento, para a composição da imagem da mulher-*fiel* compreende-se elementos como a circunscrição de um espaço relacionado à visita, visto que só pode ser *fiel* quem realiza visita em “cadeia do Comando”; o reconhecimento público do relacionamento amoroso com o apenado, visibilizado pela inscrição do nome da *cunhada* no rol do marido e a possibilidade de sua

<sup>5</sup> *Sistema* era como as *cunhadas* se referiam de modo generalizado aos estabelecimentos prisionais.

presença no “ônibus da família”; e a produção de um comportamento esperado das mulheres que aderiram e, portanto, estavam na *caminhada*. Não obstante, ser *fiel* não se esgota nisso.

Não utilizar um vocabulário considerado grosseiro e evitar tornar públicos assuntos de conteúdo íntimo, sobretudo concernentes às relações com o marido durante a visita, eram algumas das orientações destinadas às *cunhadas*. Sempre se ressalta a necessidade de cuidado com o que se fala ou, como ouvi outras vezes, a importância dada “ao cuidado com a palavra”. Seja referente a um vocabulário ofensivo, seja referente à descrição pública de intimidades com os maridos. Para ser reconhecida como uma mulher-*fiel*, portanto, é preciso estar atenta ao que se diz.

Não obstante, repetidas vezes participei junto às *cunhadas* de conversas sobre relações íntimas com o *preso* durante a visita. Após determinado tempo de convivência com as mulheres, senti-me à vontade em perguntar se não constituía um problema falarmos sobre tais intimidades, vistos os inúmeros comunicados proferidos em nossas viagens sobre a desaprovação destes assuntos. Explicaram-me as *cunhadas* que o problema não estava relacionado propriamente ao que se fala, ou seja, ao conteúdo das narrativas simplesmente. Três outras variáveis entram em cena quando o assunto é o “cuidado com a palavra”, a saber: modo de dizer, pessoas envolvidas e espaço ocupado.

Como mencionado, o “cuidado com a palavra” não está simplesmente relacionado ao conteúdo narrativo. Antes, ele abrange a maneira como as mulheres apresentam o argumento considerado íntimo, a quem se expõe tais assuntos e o lugar ocupado pelas participantes da conversa no momento da fala. Desse modo, é possível dizer que a *fiel* preocupa-se com seu ato discursivo. “O cuidado com a palavra” alude à atenção prestada às possibilidades de ofensas propagadas face às maneiras, aos momentos e aos lugares em que se expõem as palavras. Ser *fiel* é estar sempre atenta aos seus próprios atos discursivos. Logo, espera-se da *fiel* uma circunspeção enunciativa.

“Respeitar o marido na rua” é outra variável intrinsecamente ligada à noção de *fiel*. Sair com as amigas, frequentar festas (“baladas”) sem a presença do marido, não é uma atitude bem avaliada entre as mulheres dos presos. Não raramente mobilizam-se narrativas acerca da possibilidade da aproximação de outros homens em situações em que a mulher circula, sem seu marido, por territórios desconhecidos. Enfatizam as mulheres que a aparente disponibilidade da mulher, decorrente da ausência física do preso, resultaria em graves infortúnios. Nesse sentido, ser uma mulher *fiel* que respeita o marido envolve, antes do que a proibição em frequentar festas ou bares, a produção de um território de frequência próprio às *cunhadas*.

O cuidado em evitar um infortúnio iminente, como a circulação por territórios usuais que garantisse o reconhecimento da *cunhada* como *cunhada*, não raramente estende-se ao vestuário das mulheres e a um tipo específico de gênero musical, o funk (amplamente conhecido por suas coreografias sensuais). Assim, além da produção de um território de frequência, o respeito ao

marido expressa-se mediante a preocupação com um conjunto de peças a vestir e com um gênero musical a escutar, de modo a esquivar-se da ostentação do corpo e tentação latente.

Além da produção de um território de frequência, das condicionantes do vestuário e dos limites musicais, apontam as *cunhadas* que espera-se da *fiel* (que de modo categórico afirma que é preciso respeitar o marido), que não se comunique com homens e tampouco se relacione com “más companhias”. Disse-me uma *cunhada*: “Não combina ser mulher do preso e ficar saindo ou tendo amizade com homens”, continua, “não dá pra ficar saindo, usando roupas insinuantes, escutar funk e andar em más companhias”. Essas premissas, que intentam configurar respeito ao apenado, também conferem às mulheres um perímetro de convivência, uma vez que demarca as possíveis companhias das mulheres.

As linhas que fracionam um território de frequência em perímetros de convivência (por exemplo, a porta da cadeia), evidenciam a distinção fortemente marcada pelas *cunhadas* a respeito das mulheres que estão na *caminhada*. Por exemplo, aparecem as mulheres contrárias às *fiéis*.

### **O contrário da *fiel***

Com o passar das semanas durante a pesquisa de campo, pude notar que qualquer nova visita, quando não conhecida entre as *cunhadas*, potencialmente era considerada uma *talarica* ou um *gadinho*. Potencialmente considerada, por meio de comentários discretos, mas nunca acusada (afinal, é preciso ter cuidado com a palavra!). De qualquer modo, é evidente que um clima de desconfiança se espalha no ar quando um novo rosto se faz presente. Eu pude sentir isto na pele quando a novidade de minha presença gerou comentários curiosos a respeito das minhas “intenções na porta da cadeia”, como disseram as *cunhadas*. “Tenho certeza de que logo você vai tá vendo um preso”, ouvi algumas vezes. “Ah! fala a verdade, você tá aqui para arrumar um preso!”, ouvi outras tantas. É certo que o tom misturava brincadeira e ironia. O que talvez torne mais claro o recado de que não são vistas com bons olhos as mulheres que “procuram marido na cadeia”. De antemão, portanto, nenhuma mulher pode ser considerada *fiel*. Antecipadamente ao conhecimento de suas *caminhadas* (no sentido de trajetória de vida), as mulheres poderiam ser consideradas *coisa*, *talarica*, *gadinho*, *recalcada*, *safada*, *ponte* ou estes predicativos combinados. Exploro, a seguir, essas nomeações.

Como rapidamente mencionado acima, a denominação *coisa* é atribuída às mulheres que visitam presos em “cadeias desfavoráveis”, ou seja, de população carcerária não relacionada ao PCC – presos também conhecidos como *coisa*. As *cunhadas* enfatizam com frequência que “mulher que fecha com coisa também é coisa”.

As *talaricas* são avaliadas pelas *cunhadas* como “interesseiras”, “atrás do status de ser mulher de ladrão” e que, portanto, “nunca vão até o fim na caminhada”. De todo modo, a singularidade

característica das *talaricas* diz respeito ao fato de que essas mulheres relacionam-se amorosamente com presos casados. Costumam manter contato com os apenados por meio dos *perreco*s (paqueras) no celular e, recorrentemente, ouve-se falar que iniciam seus relacionamentos via “disque amizade”. As *talaricas* constituem uma ameaça iminente aos relacionamentos das *cunhadas*, já que são amplamente conhecidas pela tentativa de “roubar” os maridos das *cunhadas*.

Diferentemente da *talarica* que, momentaneamente, sustenta uma relação com o marido de outra *cunhada*, a *gadinho* é vista como uma mulher que o preso “jamais levaria a sério”. A *gadinho* “é mulher de uma noite”, ouvi algumas vezes. Assim como também ouvi que a *gadinho* “é mulher pra fazer sexo e não pra casar”. Logo, a mulher considerada *gadinho* não constitui uma ameaça aos relacionamentos das *cunhadas*, a despeito de sua existência não ser ignorada entre as mulheres.

À *recalcada* associa-se o sentimento de inveja. De acordo com *cunhadas*, a mulher *recalcada* tem desgosto pelas conquistas alheias (“a *recalcada* morreu de inveja que a *cunhada* se formou na faculdade. Tinha que ver a cara dela”), além de desejo em possuir o que era de outra (“Sai fora, *recalcada*! Maior inveja porque meu marido vai sair de saidinha. Ainda bem que recalque aqui bate e volta”). A *recalcada* pode ser associada à mulher-*coisa*, também à *talarica*. Em potência, qualquer mulher pode ser considerada *recalcada*. Salvo, talvez, as *gadinho*, que, conforme as elucidações das *cunhadas*, são vistas como mulheres sem qualquer resistência.

Contrárias à *fiel*, as *cunhadas* identificam também as *safadas*, que, potencialmente, caracterizam qualquer mulher. Considera-se *safada* a mulher que estabelece relação amorosa com um preso a despeito de ser publicamente reconhecida como sua mulher. *Safada*, igualmente, é a mulher que se relaciona com presos casados, ou/e que mantém relações com outros homens na rua ou mesmo com outros presos (por cartas ou *perreco* no celular). As *safadas* dizem respeito, ainda, às mulheres que não pagam suas dívidas corretamente e que não têm “palavra”.

Por último, contrastivamente à *fiel*, evidenciam-se as *pontes*. *Ponte* é o nome que se confere às mulheres contratadas para levarem contravenções para dentro dos estabelecimentos penais. Drogas, celulares, carregadores e chips. Esses são os principais produtos transportados pelas *pontes*, que não são consideradas, pelas *cunhadas*, ameaças diretas aos seus relacionamentos. Ainda que se reconheça a possibilidade da efetivação de relações íntimas com os apenados, as *pontes* são identificadas como prestadoras de serviço e, seja como for, jamais confundidas com as mulheres dos presos.

À imagem da *fiel* não se atribui os predicativos de *coisa*, *talarica*, *gadinho*, *recalcada*, *safada* ou *ponte*. Ser *fiel* é antagônico a isso tudo. Sendo assim, o oposto da *fiel* não é ser infiel. Não obstante, ainda que ser *fiel* e seu contrário estabeleçam claras diferenciações entre as mulheres, esses enunciados reiteram um aspecto um tanto consistente. De modo a explorar um panorama mais heterogêneo e inconsistente, viabilizado pelas variedades de definições elucidadas pelas *cunhadas*

sobre a noção de *fiel*, exploro a seguir as contiguidades em ser uma mulher-*fiel*, suas adjacências. Ou, nas palavras das *cunhadas*, “os tipos de mulheres que estão na caminhada”.

### As adjacências da *fiel*

Em um dos sábados, às 15h30, saí da pensão na companhia de uma *cunhada* e o motorista para buscar as visitas no estabelecimento penal. 15h30 era o horário em que soava o primeiro apito na cadeia para que as visitas começassem a deixar a instituição prisional. O segundo apito da cadeia soava às 15h45 e, ao som dele, nenhuma visita deveria permanecer no complexo penitenciário. Às 15h55 tocava o terceiro e último apito, e nesse momento já não deveria haver nenhuma visita no prédio. Caso isso ocorresse, “o preso vai pro pote e a visita pega um gancho”, o que, em outras palavras, significa dizer que ao apenado era submetido um castigo e à mulher uma suspensão nas visitas. Visivelmente cansadas, após saírem da cadeia as mulheres formavam grupos cujos assuntos geralmente diziam respeito à visita. Hidratavam-se, alimentavam-se, até que o seu meio de transporte chegasse (ônibus, vans, carros, táxis). Ao fim da visita, minhas colaboradoras de pesquisa deixavam o marido tomadas por ansiedade. Não exclusivamente pelo desejo de estarem com ele novamente no dia seguinte, mas por todos os procedimentos que envolviam a realização da visita do domingo.

Chegamos à pensão e rapidamente as mulheres trocaram de roupa e pegaram suas carteiras para que o ônibus as levasse ao mercado no centro da cidade de Cerejeira. Outras *cunhadas* haviam levado dinheiro para a visita, cientes de que era preciso apressar-se com as compras a fim de assegurar uma vaga na cozinha da pensão para prepararem a comida da visita de domingo. Ignoraram o fato de vestirem a “roupa da cadeia”<sup>6</sup> ou portarem a sacola do *jumbo*, e pararam no mercado antes que o ônibus chegasse à pensão. O ônibus aguardava o retorno das mulheres na praça para levá-las de volta com as compras. Algumas delas optaram pelo caminho a pé até a pousada, de modo a chegarem antes das mulheres do ônibus para, especialmente, garantirem as panelas. Na cozinha, em meio ao intenso falatório e à altíssima temperatura ambiente (veementemente alterada em virtude dos fogões industriais que, em certos momentos, faziam um barulho assustador), conversava com uma *cunhada* que me dizia existirem três “tipos” de mulheres na *caminhada*: “as que amam o ladrão [...] mulher fiel. As mães [...]. E as mulheres que gostam de cadeia [...] do crime e só querem status”.

Das diferenças entre as mulheres na *caminhada*, a figura da mãe não será devidamente explorada, visto que não constituiu os esforços centrais da pesquisa. Vale, no entanto, dizer que é

---

<sup>6</sup> Segundo as mulheres, as roupas que vestiam para a visita (calça *legging*, camiseta e chinelo) claramente as identificavam como familiares de preso. Algumas delas diziam não gostar dessa identificação.

sempre enfatizado que as mães dos apenados são mulheres que estão na *caminhada* por amor incondicional ao filho.

Logo, concernente às *cunhadas*, marcam-se diferenças, por exemplo, entre as mulheres que “gostam do ladrão” e mulheres que “gostam de cadeia”, “do crime” e “só querem status”. Apesar de reunidas em um único “tipo” de mulher à medida que contrasta da *fiel*, gostar de cadeia, de ladrão, do crime e desejar status operam algumas diferenças, exploradas mais abaixo.

De volta às diferenças entre “gostar do ladrão” e “gostar de ladrão”, o primeiro relaciona-se com ser “a mulher do cara”, já o segundo com “gostar do crime”. Da mesma maneira, “gostar do ladrão” condiciona-se à esfera do “amor” e “gostar de ladrão” à esfera do “status”. Mais especificamente, justifica-se a *caminhada* com o fato de “gostar do ladrão”, por meio de sentimentos como o “amor”, afeição, apreço, que não permitem às mulheres “abandonar [o preso] no sofrimento”. O “amor” tem como efeito a incapacidade das mulheres, que por ele são afetadas, em não aderir a *caminhada* até o fim.

As mulheres que “gostam de ladrão” muitas vezes têm uma história anterior à cadeia com o apenado. O que, em geral, identifica-se como atributo das mulheres que “gostam do ladrão”. Mas não são raras as histórias de mulheres que “gostam de ladrão” e que partilham momentos anteriores ao evento-prisão com o preso, contudo, de acordo com as *cunhadas*, fundamentado em dinheiro, “status” e bens materiais. O que, em outras palavras, significa dizer que não aguentam o sofrimento da cadeia até o fim.

Desse modo, o que as distingue de fato (as mulheres que “gostam do ladrão” e as que “gostam de ladrão”) é que, como disse uma *cunhada*, “estas minas saem fora na primeira oportunidade. Quem gosta do crime, não aguenta o sofrimento”. Mulheres que “gostam de ladrão”, portanto, não suportam a *caminhada* até a liberdade do apenado. Dessa maneira, elas não podem se confundir com a *fiel*. As mulheres que “gostam do ladrão”, estas, sim, podem ser *fiéis*.

Outro “tipo de mulher” que, a partir das narrativas das *cunhadas*, está na *caminhada* é a que “gosta de cadeia”. Gostar de cadeia liga-se ao ato de visitar o apenado a despeito de nutrir um forte sentimento por ele ou mesmo desejar uma posição privilegiada e benefícios materiais. Sendo assim, será possível dizer que somente o fato de ter o homem “atrás das grades” é o que instiga as mulheres que gostam de cadeia a visitar? Mas o que há “atrás das grades”?

Muitas justificativas, por mulheres diferentes, em momentos diversos, foram-me elencadas a respeito dos possíveis motivos que conduzem as mulheres a gostarem de cadeia. Seria descuidado, desse modo, dizer que simplesmente a prisão lança algum tipo de feitiço sobrenatural sobre as mulheres (ainda que muitas vezes tenha sido assim justificado). Disseram-me as *cunhadas*, por exemplo, que o “cheiro da cadeia”; o “cuidado”, a “dedicação”, o “carinho” do apenado com a mulher; as “provas de amor”, sobretudo, a marca sobre o corpo, as tatuagens; os presentes; a “paixão” excepcional

dos homens por suas mulheres; a segurança diante da possibilidade de traições etc., é o que garante a possibilidade de existência de mulheres que “gostam de cadeia”.

Diante de tantas vantagens, as mulheres que “gostam de cadeia” dificilmente abandonam a *caminhada*. Nesse sentido, elas poderiam ser consideradas mulheres *fiéis*, afinal, como mencionado, é, sobretudo, esta omissão das mulheres que “gostam de ladrão” ou do *crime* que inviabiliza seus reconhecimentos como *fiéis*. Não obstante, o fato de não estabilizarem o relacionamento na *rua* e a recorrência na *caminhada*, em certos casos com presos diferentes, não garantia a qualidade de *fiel* às mulheres que “gostam de cadeia”.

Diferente disso, ser considerada “mulher do cara”, “mulher do preso”, pode conferir às mulheres a qualidade de *fiel*. As *cunhadas* marcam claras diferenças entre ser a “mulher do preso” e ser “esquema”. Às mulheres consideradas “esquema de preso”, diferentemente das “mulheres dos presos”, falta *disciplina*, um modo “ético e moral” de agir frente ao evento-prisão. E, desse modo, não poderiam se identificar com as mulheres-*fiéis*.

Colocar o marido a par de todos os acontecimentos cotidianos e carecer de seu consentimento nas decisões diárias a serem tomadas são também formulações sensíveis à ideia de *fiel* que evocam claras divergências entre as *cunhadas* sobre o que se entende por “mulher” do preso (*fiel*):

Não posso arrastar o meu marido. Ele está preso, preciso manter a sua reputação na rua. E não só na rua. Dentro da cadeia também. Não olho e não converso com nenhum outro preso. Não entro com roupas que marquem meu corpo [...]. A cadeia aqui é fora do ar e não dá pra saber nada dos que acabam de chegar de bonde, não se sabe se é talarico, esturador, vai saber... eu tenho que fazer o meu papel como mulher do preso. Não devo andar com roupas insinuantes. Além de manter a reputação do meu marido, como sua mulher, tenho que contar tudo o que acontece do lado de cá da muralha. Conto tudo o que acontece para ele, pelas cartas, pelas visitas. Tem oito anos que ele está preso, mas sabe de tudo, tudo, tudo que acontece aqui fora. E mais, ele tem participação em todas as decisões da minha vida. É como se ele estivesse em casa. Não tomo nenhuma decisão sem a sua opinião.

A fala da *cunhada* sugere que, na condição de “mulher” do apenado, deve compartilhar todos os acontecimentos do *mundão* (a vida fora da cadeia) com o marido, além de consultá-lo sobre as diretrizes cotidianas. Este é o “papel” da mulher como “mulher” para a *cunhada*. Todavia, uma segunda *cunhada* pensava diferente:

Eu sou a mulher do preso, não sou o seu lagarto [aquele que atende a todas as disposições de outro]. Venho aqui porque eu gosto de dar pra ele, e não pra passar caminhada da rua. Quer saber da rua? Então não faz coisa errada e seja preso. Não saio com carta, não passo recado. Aí fica muito fácil tirar cadeia.

Ser “mulher” do apenado, de acordo com essa narrativa, ganha sentido mediante o contraste com a formulação “não sou o seu lagarto”. Assim, para a *cunhada*, contar ao *preso* tudo o que se passa na “rua”, partilhar seus impasses diários, configura, antes, uma relação de interesse do preso sobre ela, do que um “papel” de “mulher”, como sugerido na fala da *cunhada* anterior. Ser a “mulher do preso”, nesse caso, condiciona-se aos próprios desejos e anseios da *cunhada*. Uma terceira interlocutora contribuiu com sua opinião:

As mulheres só perdem com isso de contar tudo pro preso. Quanto mais elas falam do que acontece aqui fora, mais elas perdem. São cada vez maiores e mais graves as cobranças dos maridos para colocar as suas mulheres na disciplina. Uma vez eu precisava entrar com uma situação na cadeia, que na verdade a gente tinha pagado pra uma ponte que correu em cima da hora. Os meninos precisavam da situação, então resolvi eu mesma entrar. Pra tomar coragem fui com uma amiga, que também ia visitar, até um bar. Tomamos uma cachaça. Pra dar coragem, sabe? Quando cheguei no barraco do meu marido ele já estava sabendo que eu estava no bar. Como? Alguma mulher que entrou antes passou a caminhada pro marido que passou pro meu. Ele não questionou nada, nem perguntou da situação. Pegou uma faca improvisada, cortou todinho o meu cabelo e saiu do barraco. Eu fiquei muito nervosa. Quebrei o barraco inteirinho, peguei as minhas coisas e fui embora. Eu não podia fazer isso. Arrasta o preso, sabe? Mas eu fiquei cega. Quando ele viu que eu tinha saído do barraco ficou furioso. Você sabe que a mulher não pode sair do barraco sem o marido, né? Aqui nessa cadeia é assim. Ele foi atrás de mim, eu saí correndo, ele correu. Quando entrei na gaiola<sup>7</sup> e o funcionário fechou o portão, mostrei os dois dedos do meio e disse ‘aqui ladrão’. O funcionário queria que eu fizesse um B.O. contra o preso, mas você acha? Disse que não seria necessário que, em menos de dois meses, já estaria lá dando pro ladrão de novo. E não é que tava mesmo? O que eu quero dizer com isso, é que as próprias mulheres dos caras se arrastam. Já entram na cadeia contando tudo o que acontece aqui fora. Desse jeito, cada vez mais as mulheres dos presos vão ser podadas. Ninguém ia saber que ouvimos funk aqui fora ou bebemos, se elas mesmas não levassem lá pra dentro.

O comentário da *cunhada* mostra que falar tudo para o marido tem como efeito alguns constrangimentos às mulheres. “As mulheres dos caras”, em seus termos, são prejudicadas por dividirem todos os acontecimentos do *mundão* com o *preso*. Para a *cunhada*, este estímulo para que falem tudo sobre elas não significa que são usadas pelo apenado (que são seus *lagartos*). Tampouco confere qualquer positividade à mulher, como sugere a fala da primeira *cunhada*, que se orgulha da atitude de contar tudo ao marido. Diferentemente disso, a terceira *cunhada* indica que ser “mulher” do apenado corresponde a pensar em benefício das mulheres em contraposição à formulação de que é preciso passar a *caminhada da rua* para o *preso*.

<sup>7</sup> Gaiola são os portões que separam os raio das sessões administrativas da prisão. É como uma gaiola, com dois portões (o que dá acesso ao raio e o que dá acesso às sessões administrativas). Um portão só é aberto quando o outro está fechado.

Em suma, diante das variações a respeito do que se entende por “mulher”, o que chamei de adjacências da *fiel*, compreende-se que ser mulher-*fiel*, ainda que se estabeleça retoricamente uma imagem bastante sólida (a partir de elaborações sobre seu contrário e sua imagem), é um efeito do que as *cunhadas* absorvem e liberam face às circunstâncias do evento-prisão. Logo, é possível dizer que as *cunhadas* matizam suas concepções e atuações mediante a imagem da *fiel*. Imagem desenhada como o âmago de onde se produzem os enunciados mais heterogêneos à medida que dele se afasta, e mais homogêneos quanto mais dele se aproxima. As concepções e as atuações matizadas pelas *cunhadas*, a existência de mulheres contrárias às *fiéis* e adjacências, é o que constitui a mulher-*fiel* na *caminhada*.

Recebido em 30 de maio de 2014  
Aprovado em 11 de junho de 2014